

Periódica

Ano VIII - nº 12/2007



Família de Freud

Edição especial do VIII Encontro Nacional da Escola de
Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano:
Família e Inconsciente

PF 5 (3 ex emp)

 Projeto
Freudiano Psicanálise, Ensino e Pesquisa

Avenida Anizio Azevedo, 675 - Centro Médico Luiz Cunha, Sala 507 - Salgado Filho
Cep: 49020-240 - Aracaju - Sergipe - Brasil - Tel.: (79)3246-1905
e-mail: projetofreudiano@hotmail.com

Editorial

Nossa revista trata de uma convocação para o VIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, que será realizado de 15 a 17 de novembro, em nossa cidade.

O tema do Encontro versará sobre Família e Inconsciente. Nossa convidada internacional Carmen Gallano, de Madrid, abordará o momento que a família atravessa na contemporaneidade.

Vocês encontrarão, nesta edição especial do Periódico, alguns subtemas que serão trabalhados no Encontro.

A primeira parte versará sobre a família no mundo contemporâneo e Carmen Gallano e Ângela Mucida abordam os efeitos do discurso capitalista.

A segunda parte é dedicada à cena familiar com os textos: A Família Pamuk, de Andréa Brunetto, e A Família na Psicanálise, de Vera Pollo.

Na terceira parte desta convocação ao debate sobre família, a estruturação do sujeito, com Para Além do Romance Familiar, de Zilda Machado, do Mito à Estrutura, com Daniela Chatelard, e o Destino das Famílias, por Alba Abreu.

Na rubrica Formação do Psicanalista, Márcia Polido coloca a função do passador e questões relativas ao dispositivo do passe.

No Ponto de Vista, Jairo Gerbase questiona a evidência da psicanálise enquanto fundamentada no Complexo de Édipo.

Na Entrevista, Quinet aborda a retomada do binômio Inconsciente e Família, onde retifica e reatualiza os significados da descoberta freudiana do inconsciente a partir de Lacan.

A clínica psicanalítica nos faz cada vez mais afirmar a existência do Inconsciente Freudiano articulado com sua releitura Lacaniana. Isso nos faz apostar no nosso Encontro.

Esperamos oferecer a todos que possam estar presentes, mais uma grande oportunidade de podermos trocar as nossas experiências de trabalho.

Aracaju aguarda vocês, prometendo a todos uma acolhida bastante calorosa!

Tereza Cristina Rollemberg

Coordenadora do VIII Encontro EPFCL

A Família no Mundo Contemporâneo

O Sujeito, a Família e o Capitalismo¹

Carmen Gallano (cgallano@lar.e.telefonica.net)

A psicanálise não é a-histórica. Primeiro, porque o psicanalista acompanha os passos de um sujeito que tende a decifrar seu ser nas determinações de sua história, cifradas por ele em seus pais e sua família. Lacan, em uma de suas últimas aparições públicas, em 10/06/80 formulou que: “O mal-entendido já está desde antes. Na medida em que desde antes deste belo legado vocês fazem parte (vous faites partie), ou melhor, participam (vous faites part) do balbucio dos seus ascendentes”.

O sujeito nasce mal-entendido e seu infortúnio resulta de que o mistério de seu corpo falante, que é o mistério do inconsciente, se produz pelo mal-entendido irreduzível entre os falantes, os que nascem como sujeito. O que se transmite de geração em geração atua nos sintomas do sujeito; o que não casa entre os sexos, deixa sua marca nos modos de confrontar-se ao real da castração e a falta que se abre no coração do ser.

Há quem considere que a psicanálise tornou-se obsoleta, e que a teoria freudiana deixou de ser válida para explicar as formas de viver e de mal-estar dos indivíduos contemporâneos. Isso é ignorar que a psicanálise, especialmente com Lacan, que questionou muito a teoria freudiana - e sem invalidá-la - contribuiu com o saber sobre a condição clínica do sujeito de nossos dias e dos tempos vindouros. Acima de tudo, nas elaborações teóricas da psicanálise, o que não se torna ultrapassada é a incidência efetiva do ato do psicanalista no tratamento do sujeito.

A condição social do sujeito no tardio capitalismo, onde nada mais é regido do que a ideologia individualista neoliberal, a serviço das leis do mercado - que são as únicas que organizam o mundo - não é a mesma que há meio século e, menos ainda, que a de um século. Sociólogos, pensadores, economistas têm falado muito a respeito. Não faltam também, os lamentos ideológicos que denunciam os

estragos da globalização.

Nós, psicanalistas, não somos sociólogos, mas sabemos que o sujeito não é o indivíduo e que o sujeito se faz no coletivo. O estado da civilização determina seus destinos e incide nas formas clínicas de seu mal-estar. De acordo com a psicanálise, não podemos confundir o que é universal e o que é particular a um sujeito. Há um mal-estar generalizado que resulta das condições de vida impostas pelo tardocapitalismo, mas, frente a ele, estão as respostas particulares do sujeito de um inconsciente, cifradas em seus sintomas. Isto é o que a psicanálise trata, dar oportunidade ao sujeito de fazer algo com seu sintoma e seu desejo singular, para sair do discurso capitalista.

Que a psicanálise não seja a-histórica não quer dizer que seja relativista. O real da condição humana, aquele do “não há proporção sexual”, não se pode eliminar e atravessa todas as épocas da história da humanidade e todos os avatares da história em que a vida particular do sujeito será escrita. No que incide socialmente sobre os sujeitos, nada diz que são sujeitos de um inconsciente.

O sujeito do inconsciente não desapareceu no novo século, ao menos quantos existirem humanos no planeta. Os homens e as mulheres seguem confrontados ao real da castração e no exílio da proporção sexual, pois ela se impõe entre os sexos. Não é isso que foi modificado no novo século, pois a condição de falante do corpo do humano, resulta dos efeitos de linguagem no vivente. Isto é um fato de estrutura, universal!

Nota:

¹ Extraído do texto: De Lo Insabido que Hace Saber de 28/10/2006 - Colégio de Psicoanálisis de Madrid.

- Tradução livre autorizada pela autora.

Os Efeitos do Discurso Capitalista e os Nomes do Pai: Reprodução Assistida.

Ângela Mucida (angelamucida@superig.com.br)

A reprodução assistida constitui-se, sem dúvida, um produto de nossa época e um dos efeitos da nova ciência sobre a família. Para focalizar alguns pontos em torno do tema, torna-se fundamental retomar rapidamente o discurso capitalista tal como formalizado por Lacan. Este discurso foi introduzido após a formalização da lógica que vigora nos quatro outros discursos (Discurso do Mestre, Discurso da Histeria, Discurso Analítico e Discurso Universitário) na qual vigora uma barra resistente à significação, traduzida em termos do impossível ou do fracasso entre a verdade e produto e entre aquilo que o agencia e o outro, lugar do trabalho.

Lacan formaliza o DC a partir de modificações introduzidas no Discurso do Mestre.



No discurso capitalista há flechas que partem do objeto(a) e incidem diretamente sobre o sujeito(\$), sem nenhuma barreira, e de S1 (significante mestre) ao S2, cadeia de saber. No Discurso do Mestre, discurso do inconsciente, ao contrário, persiste a impossibilidade de acesso(//) do sujeito(\$), aos objetos(a), indicado pelo matema da fantasia: \$∅a. Neste discurso, o sujeito está sob a barra do recalque e temos, visivelmente, um mestre que governa e colocando a trabalho uma cadeia do saber. No discurso capitalista, o sujeito está sobre a barra, como agente do discurso, mas só é autônomo e livre em tese, pois está comandado, diretamente, pelos objetos fabricados pela nova ciência e o mercado de bens. A tentativa desse discurso é de apagar a falta do objeto adequado ao desejo. A incidência direta dos objetos sobre o sujeito provoca, como indica Lacan, o esfacelamento dos laços sociais. Em aparência também, a produção do saber no DC não encontra nenhum limite, persistindo o comando direto dos significantes mestres sobre a cadeia de saber. Todavia, ao contrário do mestre antigo, o mestre do DC não mostra suas faces. Veremos que essa tentativa de apagar o impossível ou o real tem conseqüências diretas sobre a nova família e, em especial, sobre o ideal que vigora na reprodução assistida.

RA, Reprodução Assistida.

Consiste em uma série de técnicas com objetivos de viabilizar a gestação em mulheres com dificuldades de engravidar, seja por infertilidade delas ou do parceiro. A mais conhecida e antiga é a inseminação artificial, com gametas do próprio casal ou de doadores. A “fertilização in vitro” é, atualmente, a mais utilizada, constituindo-se de diferentes técnicas: transferência do gameta masculino e feminino diretamente na tuba uterina da mulher; transferência via vaginal de um embrião já formado nas tubas uterinas; através da inoculação de um espermatozóide no interior de um ovócito e colocação via vaginal, de espermatozóides, diretamente, na altura da tuba uterina.

Tais dispositivos estão longe de serem simples, pois colocam em cena procedimentos bastante complexos, gerando muitas angústias no tocante aos preparativos e a seus resultados. Não é raro uma família se constituir com três ou mais filhos, advindos de uma única gestação. Vários embriões são implantados na tuba uterina, para aumentar as chances de gravidez. Nascimento de bebês prematuros pesando até 300g com riscos de várias doenças e de morte, são alguns dos possíveis resultados. Significantes como “doador”, “congelamento de embriões”, “pai biológico”, “mãe de aluguel” veiculam nesse tipo de prática incidindo, diretamente, sobre as fantasias em torno da entrada da criança em cena e da família a ser constituída.

O foco de nossa reflexão, diante de tantas vertentes a serem tratadas, dirige-se ao paradoxo em relação ao pai real os Nomes do Pai. Dos três eixos de constituição da família: os Nomes do Pai, o desejo da mãe e a criança, objeto a, focalizaremos portanto, a questão dos Nomes do Pai na reprodução assistida.

Os Nomes do Pai e a Reprodução Assistida (RA).

Aprendemos a tomar a frase: “o estatuto do pai é sempre incerto” como um paradigma para se pensar o lugar do Pai em psicanálise, seja para dizer que o pai pode ser qualquer um, mesmo sendo encarnado por alguém, seja para reafirmar que a paternidade biológica não recobre a função do Pai, ou ainda para pensar que o pai real pode ou não estar presente e a função simbólica ser operante. O pai simbólico advém como aquele que descompleta a relação mãe/filho, introduzindo a falta e a Lei.

Pois bem, a RA acolhe a idéia de que o estatuto do pai é sempre incerto, mas talvez da mesma forma que o discurso capitalista acolhe o desejo: desejo é falta, mas nós temos os objetos adequados ao seu desejo e a seu gozo.

Na RA se, por um lado, o estatuto do Pai é sempre incerto, principalmente em técnicas nas quais o esperma vem de um banco de esperma anônimo, por outro a idéia é de que hoje não se pode mais duvidar da paternidade real. Vigora um paradoxo na idéia de Pai a ser ofertada ou a ser construída pela nova ciência.

Em alguns casos, persiste a incerteza total do progenitor e, aparentemente, isto não tem problemas. Neste ponto, pelo menos em tese, a Ciência capta bem a questão da psicanálise: um filho não busca no banco de esperma sua origem para saber do pai doador, pois não é disto que se trata a questão do Pai real. O filho quer saber do desejo da mãe inscrito em relação a este Pai. Por outro lado, se a biologia não é o destino, a ciência moderna coloca-se diante dela de forma dupla: ela não é o destino, já que o pai pode ser qualquer um, não importa qual, ela tem o poder de fazer a paternidade existir sem a presença do pai e de determinar sem dúvidas quem é o pai real, através de sofisticados procedimentos.

Se, de um lado o Pai, enquanto progenitor é completamente dispensável, desvaloriza-se, nessa prática, o pai real em detrimento do real do pai, espermatozóide, pai cromossomo, como se isto fosse suficiente para fazer existir o pai real.

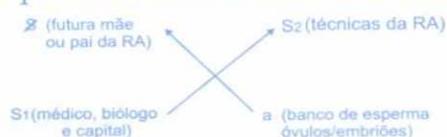
“Dispensa-se o Pai para melhor servir-se dele”? perguntamos com Lacan. A biologia, sendo ou não o destino da procriação por RA, não pode apagar tão facilmente o real do Pai, espermatozóide, naquilo que ele toca o pai real e vice-versa.

Tudo isto atualiza a lembrança de uma produção cinematográfica dos anos 94-95, “Denise está chamando”. Este filme aborda de forma bastante interessante e atual a questão da incidência dos objetos sobre o sujeito. Não é à toa a escolha do título, pois no filme a única que mostra de forma incisiva o furo do encontro prometido com o objeto é Denise, mesmo que o fracasso desse gozo prometido o atravessa em diferentes momentos. Denise, que engravida por uma inseminação artificial, quer descobrir o nome do doador e, furando todas as barreiras do sigilo, consegue descobrir sua identidade. Seu movimento é de dar a esse pai biológico e anônimo um nome, uma cara, fazendo a passagem do real do pai ao Pai real.

Denise procura no banco de esperma o lugar também para o desejo de ser mãe onde o lugar de um pai tivesse resguardado. Ela clama também pelo Nome do Pai que possa fazer uma amarração à dispersão significativa que habita toda tecnologia moderna da RA. Se o Significante Mestre pode ser qualquer um, como assinala Lacan no *Seminário 17*, ele é um, mesmo

contingente. Ou, de outra forma no *Seminário Os nomes do Pai*, existem várias formas de amarração da linguagem que permitem ao sujeito indagar sobre sua origem, seu ser, seu lugar no mundo: há uma pluralização dos Nomes do Pai e estes não são indiferentes à constituição da família.

Na RA, persiste em tese uma pluralização dos NP, um apagamento de S1 enquanto aquele que detém o amarramento, mas só em aparência, pois o S1 toma corpo não exatamente no pai Real ou Simbólico, mas na produção das técnicas. No lugar de S1, temos como mestres a moderna biologia, o corpo médico e os sofisticados aparelhos e medicamentos produzidos pelo capitalismo atual alinhado à Ciência. Esse mestre camuflado incide com vigor sobre as diferentes técnicas sob as quais o casal está submetido. A cadeia de saber como efeito da incidência de S1 torna-se cada vez mais um saber formalizado do qual o sujeito (ou o casal) é foracluído. Como objetos que provocam a demanda e o desejo ou apenas vêm para satisfazer uma necessidade de se ter um filho como tampão a outra falta, estão os diferentes bancos de esperma ou até promessas de um filho ideal. Está em voga, nos USA, catálogos nos quais os futuros pais podem escolher a cor dos olhos, QI, cor da pele etc. Podemos, a partir do esquema inicial, representar dessa forma o DC e a RA:



Na tríade da RA, está o Pai, real ou não, isto não importa, a mãe biológica ou de aluguel e a técnica, mas com o domínio da técnica. Dessa forma, ao invés de pluralizarem os NP, tais técnicas buscam apagá-los em torno da idéia do real do Pai e da mãe. O amarramento se faz pela eficácia técnica e desfalicização do pai não é sem efeitos. Para demonstrá-lo, expondo que o DC não consegue apagar todo real inscrito na procriação, temos a presença de sujeitos que, advindos da procriação por um banco de esperma, dirigem-se a ele para saberem a origem do pai real. Mesmo que a busca seja outra, observa-se que a Ciência moderna não pode apagar os efeitos simbólicos e imaginários da origem e os Nomes do Pai como portadores de um saber que não se completa.

Se, no fim das contas, o interesse do filho não é o “Pai do cromossomo”, a ciência não pode apagar do inconsciente de cada sujeito o enigma da origem. A tentativa de se apagar os NP, em torno do real do pai e da técnica, inaugura outras formas de se apresentarem os enigmas em torno do Pai e dos Nomes do

pai, já que a técnica nunca é suficiente para dar conta da origem e, muito menos, do simbólico, imaginário e real, “os verdadeiros Nomes do pai”¹.

Referências Bibliográficas

LACAN, Jacques. **O Seminário [1969-1970]. Livro 17: O avesso da psicanálise.** Tradução de Ari Roitman. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____. **Des Noms-du-père.** Paris: Éditions du Seuil,

janvier, 2005.

_____. **Télévision [1973].** In: _____. **Autres écrits.** Paris: Éditions du Seuil, 2001. p. 509-545.

MOURA, Marisa Decat de (org.) **Psicanálise e hospital-
Novas versões do Pai- Reprodução Assistida.** Belo Horizonte, Autêntica, 2005.

Nota:

¹ Lacan, Jacques. **Des Noms-du-père.** Paris: Éditions du Seuil, janvier, 2005, p. 9.

Cena Familiar e Desenvolvimento

A Família Pamuk

Andréa Brunetto (brunetto@terra.com.br)

E aqui chegamos ao cerne da questão:
nunca deixei
Istambul, nunca deixei as casas, as ruas e
os bairros
da minha infância. Embora tenha vivido em
áreas diferentes de tempos em tempos, cinquenta
anos depois
vejo-me de volta ao mesmo Edifício Pamuk
onde as minhas
primeiras fotografias foram tiradas e onde
a minha
mãe me pegou pela primeira vez no colo
para mostrar-me o mundo.
Orhan Pamuk, Istambul

Istambul, livro recentemente lançado no Brasil, é uma autobiografia do escritor turco Orhan Pamuk, laureado com o Prêmio Nobel de Literatura de 2006. Nele três origens se enlaçam: do próprio autor, de sua família e da cidade de Istambul. O autor relata o passado glorioso da cidade, no período do Império Otomano e a decadência do presente. O passado de opulência de sua família e a vida após as derrocadas financeiras ocasionadas pelos negócios fracassados, que seu pai e o tio fizeram – colocando a perder o patrimônio que o patriarca, pai deles, construiu de nada. E o principal: o infantil do autor, uma infância em que todos da família Pamuk, há várias gerações, moravam no mesmo edifício, construído pelo seu avô.

No texto de apresentação do VIII Encontro da EPFCL-Brasil, Família e Inconsciente, há a seguinte frase: “é fato que o espaço onde a família se organiza sofre as mudanças do momento histórico em que esteja”. Istambul parece-nos um livro no qual esta relação é colocada às claras pelo autor. Ei-lo:

“Deus escolhera não nos prender ao destino da cidade, achava eu, simplesmente porque éramos ricos. Mas à medida que o meu pai e o meu tio iam tropeçando de falência em falência, à medida que a nossa fortuna escasseava, nossa família se desintegrava e as disputas por dinheiro ficavam mais intensas, cada visita ao apartamento da minha avó se tornava um sofrimento e me levava um passo mais perto de uma conclusão: estava demorando, estava chegando por um caminho tortuoso, mas a nuvem de luto e perda que tomara conta de Istambul a partir da queda do Império Otomano¹ finalmente atingira também a minha família” (2007: p. 27).

Então, a partir desse livro, pretendemos mostrar como o parentesco insere o sujeito na linguagem. E é por isso, diz Lacan, que os pacientes só falam disso.

A derrocada

A partir da palavra turca *hüzün*, que significa melancolia, o autor conta as tristezas de outrora. Não devemos tomar essa melancolia como um quadro clínico, entendido tal como a psiquiatria clássica e a psicanálise entendem, e sim como a tristeza e a nostalgia pelo que passou e nunca mais vai ser. O autor conta pequenas cenas, detalhes de sua casa, das ruas e, sobretudo, do Bósforo, que via da janela de seu apartamento, e nos captura com o olhar, pois é uma autobiografia ilustrada. Essa melancolia nos é mostrada em muitas fotografias de sua família, da “casa-museu” que é o Edifício Pamuk e da cidade no geral. Enfim, ele quer que olhemos a decadência.

E ele se mistura e se identifica com esta decadência.

“Quando a sua melancolia começa a tomar conta de mim e escorre de mim para ela, começo a achar que não há nada que eu possa fazer; como a cidade, deve me incluir entre os mortos-vivos, sou um cadáver que

ainda respira, um desgraçado condenado a vagar por ruas e calçadas que só podem me recordar a minha imundície e a minha derrota” (2007: p. 331).

A família Pamuk aparece em todos os capítulos do livro. Se toda família tem suas rivalidades, segredos, intrigas, imaginem todos morando em um mesmo edifício? O autor conta que era cada um olhando e se rivalizando com o outro, cada apartamento ficava com a porta aberta e as pessoas circulavam entre eles. Em “Rumo a um significante novo” Lacan afirma que

“a observação incontestável de que o parentesco tem valores diferentes nas diferentes culturas, não impedem que a insistência dos analisantes em falar de suas relações com seus parentes, aliás, próximos, seja um fato que o analista tem de suportar” (1998: p.9).

E continua afirmando que os analisantes só falam do parentesco, pois foram eles que lhe repassaram a língua. O que não quer dizer que a cultura esteja aí diminuída. Ela é o caldo da linguagem no qual o parentesco “ferve”². E no Edifício Pamuk, as coisas ferviam muito.

O olhar

O autor era bom desenhista desde criança e passa a pintar quadros na adolescência. Está com vinte anos e estuda arquitetura, mas decide largar a faculdade e se dedicar à pintura. Mas a mãe lhe diz que ele vai ser um nada, um derrotado como todos os pintores que eles conhecem e que têm de agradar aos ricos para vender sua obra. Com o vaticínio materno vem o desespero de entrar no rol dos fracassos turcos; decide largar a faculdade para ser escritor. É quando a autobiografia termina. Os fatos contados vêm acompanhados de uma fotografia correspondente – muitas suas e outras de tantos fotógrafos importantes que a cidade já teve. A capa do livro é uma foto dele, menino, com o Bósforo ao fundo, porém além do Bósforo, a imagem mais pregnante das fotos e do texto, é a infelicidade da mãe. Uma mãe que atravessava as madrugadas, sentada no sofá, esperando o marido chegar, vindo dos braços de outras mulheres. O insuportável é a tristeza da mãe e a derrota dos pais; do pai, pelas falências consecutivas, e da mãe, pelas insatisfações amorosas

No capítulo intitulado “A infelicidade é detestar a si próprio e a sua cidade”, mostra como tenta fugir da família e da casa, se ‘esconder em um canto’, “...é o desejo de fugir da própria comunidade que me abriu os braços, é o olhar de Deus, que tudo vê e tudo perdoa, que induz essa culpa profunda” (2007: p. 334). Esse olhar do superego que o visa,

e que ele desde criança designava como Deus, não lhe dá trégua. Embora esse Deus complacente perdoe, o gozo não dá trégua.

Porém, o que gostaria de marcar é que sua obra mostra o privilégio do olhar como objeto *a*. A derrota é um significante que advém do Outro, porém esse olhar que visa o sujeito é causa do desejo. Lacan afirma, no *Seminário 11*, que a função do olhar mostra as veias por onde o domínio da visão foi integrado ao campo do desejo.

O autor acreditou-se preso a uma cidade e, num âmbito menor ainda, ao Edifício Pamuk, onde sua mãe começou a lhe mostrar o mundo. Só conseguiu sair de Istambul há pouco tempo, quando sua obra começou a alcançar repercussão mundial e sua denúncia do segredo de polichinelo turco, que foi o extermínio dos armênios, incomodou os governantes. Saiu porque foi convidado a se retirar.

Em “O Mal-estar na civilização”, Freud sustenta que a família não abandona o indivíduo e, “quanto mais estreitamente os membros de uma família se achem mutuamente ligados, com mais frequência tendem a se apartarem dos outros e mais difícil é ingressar no círculo mais amplo da cidade”. Se o exemplo da família Pamuk confirma a teoria freudiana, por outro, mostra um homem que, pelo que sabemos de sua obra, de tantos livros e prêmios, de forma alguma podemos colocá-lo no rol dos fracassados. E que, de dois significantes, a derrota e a melancolia (*a hüzzin*), alcançou o sucesso: o da própria escrita e o maior prêmio que um escritor pode alcançar, o Nobel da Literatura.

Referências Bibliográficas

- LACAN, J. Rumo a um significante novo. In: Opção Laciana.
- _____. O seminário, livro 11: os quatro conceitos da psicanálise. RJ: JZEditor, 1985.
- QUINET, A. Um olhar a mais. RJ: Jorge Zahar Editor, 2002.
- PAMUK, Orhan. Istambul. São Paulo: Cia das Letras, 2007.
- PEREÑA, F. La pulsión y la culpa: para una clínica del vínculo social. Madrid: Editorial Síntesis, 2001.
- SOLER, C. Nominación y contingencia. In: VEL 08, Clínica: filiación y passe. EPFCL-Barcelona, 2006.

Notas:

¹ Apresenta a cidade como dividida entre um passado glorioso e um futuro de pobreza, entre o ocidente e o oriente. Com um recalado histórico que é o Império Bizantino. A cidade tem duas datas de comemoração de sua fundação, uma dos turcos e outra dos gregos. Com uma elite tacanha e fracassada que só copia valores europeus.

² O termo em francês é bouillon, que se traduz como ebulição e também como caldo.

Vera Pollo (v.pollo@terra.com.br)

A idéia que eu gostaria de sustentar esta noite diante de vocês é a de que há duas teorias da família, tanto em Freud quanto em Lacan. Esta idéia me veio do livro de Lacan intitulado *A família* (cf. a tradução da editora lisboense Assírio & Alvim) ou *Os complexos familiares na formação do indivíduo* (cf. a tradução dos *Outros Escritos*, publicados pela Zahar). Neste texto de 1938, Lacan afirma que o que Freud trouxe rapidamente à luz, junto com o Complexo de Édipo, foi uma primeira teoria da família.

Procurarei salientar em primeiro lugar o que vou chamar de o elemento dominante de cada teoria, ou seja, aquele que governa, determina e transforma os outros elementos, garantindo a coesão da estrutura (cf. a definição de 'dominante' por Roman Jakobson). Na primeira teoria freudiana da família, isto é, na família edipiana, a dominante é a fantasia inconsciente plena de desejo, a fantasia incestuosa. Ela não é apenas a fantasia de dormir com a mãe, pois pode ser também, como nos ensina Freud, a fantasia de dormir com o pai, até mesmo para o menino. Pode ser a fantasia de matar o genitor, como pode ser uma fantasia de procriação. Na segunda teoria freudiana da família, a dominante é o pai totêmico e gozador, que exerce sobre os filhos a mais feroz repressão sexual. Nesse caso, a família corresponde à horda primitiva em que acontece a origem, simultaneamente mítica e real, das sociedades fraternas. Ou, em outros termos, das sociedades comandadas pelos laços homossexuais.

Na primeira teoria de Lacan, que iremos chamar de família SIR - simbólica, imaginária e real -, o falo é o elemento dominante, definido como o significante do fluxo vital. Na segunda teoria, isto é, na família RSI, a dominante é o objeto a. Voltarei a esses pontos adiante.

Se partirmos da velha e sempre citada carta que Freud escreve a Fliess, em de 21 de setembro de 1897, diremos que uma das formas como a família faz a sua entrada na psicanálise é a da fantasia de um pai que seduz sexualmente a filha e que dela abusa. Trata-se, nos termos de Lacan, da fantasia de um Outro gozador, de um Outro ao qual se atribui o gozo sexual, fantasia que sustenta os sintomas da histeria. Por um breve momento, Freud chegou a postular a

curiosa linhagem que consistiria em: um pai perverso na primeira geração, um filho ou filha histérico na geração seguinte. Sua tese caiu por terra, não só porque seu próprio pai teria que ser perverso, como porque a perversão teria que ter uma extensão tão grande que seria contraditada pelos fatos. Freud descobrira que, no registro inconsciente, o desejado vale pelo realizado, inscreve-se como fato.

E foi ainda com base na análise de seus próprios sonhos, contemporânea à dos sonhos de seus analisandos, que Freud concluiu que todo ser falante foi um dia um pequeno Édipo, o que equivale a dizer que desejou dormir com a mãe e matar o pai. Sedução, cena primária e castração constituem, em seu dizer, as protofantasias inconscientemente transmitidas de uma a outra geração, das quais outras fantasias e devaneios irão surgir, enquanto derivados.

Freud dedicou um artigo aos *Romances Familiares*, destacando a freqüência com que se constroem, por exemplo, as fantasias de que se é um filho adotivo - a qual pode subsistir inclusive na idade adulta -, assim como os devaneios com pais mais ricos e poderosos.

A família edipiana corresponde ao que hoje chamamos de família conjugal, expressão cunhada por Durkheim e considerada excelente por Lacan. Trata-se da família reduzida: pai, mãe, filhos. Como dissemos anteriormente, ela é o lugar das fantasias inconscientes plenas de desejo, de incesto, de rivalidade e de morte. Conseqüentemente, é também o lugar da primeira renúncia pulsional. Em seu seio, o *infans* balbuciará a língua, alienando-se aos significantes do Outro; a pulsão de morte se deixará apreender nos significantes da demanda. Nos termos de Freud, é nela que o menino experimenta a angústia de castração e a menina desenvolve sua *Penisneid*. Nos termos de Lacan, é nela que a mãe comparece como Outro da demanda - ao entrarem em jogo os objetos oral e anal - e o pai comparece como Outro do desejo, ao entrarem em jogo os objetos olhar e voz.

Na segunda tópica, Freud se referirá algumas vezes à "herança arcaica" do *isso*, afirmando que não há muita diferença para o sujeito entre o herdado e o adquirido. É no *isso* que

"se acham abrigados resíduos das existências de incontáveis eus; e, quando o eu forma o supereu a partir do isso, talvez esteja apenas revivendo

formas de antigos eus e ressuscitando-as.” (1923/1976: 53).

Em 1921, no capítulo de *Psicologia das massas e análise do eu* intitulado “Identificação”, afirma novamente que a mãe é sempre o primeiro objeto de amor para as crianças dos dois sexos, ao passo que o pai é o primeiro objeto de identificação, a forma mais primitiva do laço social. O que equivale a dizer que a família totêmica não entra na psicanálise para substituir a família edípiana, mas como sua origem mítica, também real, segundo o desejo de Freud.

Na esteira de Freud, Lacan comenta em *Televisão* que “a ordem familiar só faz traduzir que o pai não é o genitor, e que a Mãe continua contaminando a mulher para o filhote d’homem: disso resulta o resto” (1973/1993: 56). Esta família S.I.R., como a chamamos anteriormente, encontra seu ápice no texto de 1958, *Uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose*, com a construção da fórmula da metáfora paterna. Pois, se “o Édipo é uma articulação simbólica que Freud descobriu junto com o inconsciente” (Lacan, 1958/1995: 553), a metáfora é a operação significante que “coloca esse Nome em substituição ao lugar primeiramente simbolizado pela operação de ausência da mãe”.

$$\frac{\text{Nome-do-Pai}}{\text{Desejo da Mãe}} \cdot \frac{\text{Desejo da Mãe}}{\text{Significado para o sujeito}} \rightarrow \text{Nome-do-Pai} \left(\frac{A}{\text{Falo}} \right)$$

Em 1960, Lacan comentava que seria um erro acreditarmos que o mito freudiano do Édipo havia acabado com a teologia, apenas por “agitar o fantoche da rivalidade sexual.” Ao contrário, poderia parecer que Freud se aproximara de religião, ao afirmar que “um Pai é o Pai morto”, mas seria preciso entender que isso significa dizer que o complexo paterno—ou, se preferirmos, o complexo de Édipo—é o acréscimo de um significante à tríade mãe-filho-falo. Opera-se, nesse momento, a redução das figuras imaginárias, porque se trata de fazê-las corresponderem a não mais do que três significantes. Se o próprio do imaginário é a proliferação, é necessário que o significante o limite, ao unir o desejo e a lei.

Então, Lacan indaga com veemência:

“Será porventura preciso que se nos alie a prática, que em algum momento talvez adquira força de uso, de inseminar artificialmente as mulheres, desrespeitada a proibição fálica, com o esperma de grandes homens, para que extraiam de nós um

veredicto sobre a função paterna?”

O Édipo, todavia, não pode manter-se indefinidamente em cartaz em formas de sociedade nas quais se perde cada vez mais o sentido da tragédia.” (Lacan, 1960/1995:827).

Podemos, então, dizer que a família edípiana é condicionada pelo recalque do significante do Desejo da Mãe, pois este desejo é apenas “um duplo engrandecido do sujeito” (Lacan, 1956-57). Em contrapartida, o significante do Nome-do-Pai é o ponto de basta ou de amarração da cadeia de significantes de um sujeito, conseqüentemente, a possibilidade de advento da significação fálica do desejo.

Entre a primeira e a segunda tópica, Freud constrói o mito de *Totem e Tabu* e, com ele, o que Lacan chama, em 1938, de “um salto teórico abusivo” que lhe permite passar “da família conjugal que ele observava nos seus sujeitos a uma hipotética família primitiva concebida como uma horda que um macho domina pela sua superioridade biológica açambarcando as fêmeas nubentes.” (1938/1978: 55) Quase trinta anos mais tarde, o comentário de Lacan acerca desse “salto teórico” nos parece ter uma conotação bastante diferente. O que ele diz nessa ocasião, isto é, na lição única “Os nomes-do-pai”, em 1963, é que Freud foi muito além de Lévi-Strauss, pois forçou os limites da lógica com uma história absolutamente inacreditável: em primeiro lugar, por afirmar a existência de um homem que, sozinho, era capaz de gozar de todas as mulheres; em seguida, por dar continuidade à história, afirmando que esse pai morreu por um ato de violência dos filhos, que, um dia, os filhos se reuniram e decidiram acabar com o pai. E mais: que isso realmente aconteceu.

Para Lacan, Freud, com seu mito da violência originária, foi muito além do especialista em mitos. À pergunta que se lhe impunha: “de quem é a voz que o sujeito toma cada vez que fala no lugar do Outro?”, Freud ousou uma resposta: “é a voz do Pai Morto”. E Lacan considera que, sem a ousadia freudiana, ele não poderia ter dado um passo adiante e ousado, também ele, sua resposta desejante; “é o objeto *a*”.

Ali onde Freud definiu a “herança arcaica” como “resíduos da existência de incontáveis eus”, Lacan propôs a transmissão como função de alíngua, “o balbucio de nossos antepassados onde se enraíza o inconsciente”. Portanto, não

me parece abuso dizer que a família para a psicanálise, porque também para o inconsciente, é “o ponto de mito em que o sexual se faz paixão do significante”. Vocês percebem que estamos fazendo uma paráfrase da definição que Lacan propõe do falo na conferência “Radiofonia”.

Para concluir, algumas palavras a mais sobre a família do objeto a ou família R.S.I. Nela se verifica um verdadeiro nó: a possibilidade da criança ser acolhida pela mãe como objeto *a*, causa de desejo, é correlativa à possibilidade desta mulher ser acolhida como objeto *a*, causa de desejo de um homem, que, então, será feito pai. Porém mais do que isso, somente esse acolhimento duplo pode trazer como resultado o fato de que um homem seja amado e respeitado como pai, isto é, somente assim se instaura, para o sujeito, a possibilidade de uma inscrição de filiação.

Nas palavras de Lacan:

“Um pai só tem direito ao respeito, senão ao amor [...] se ele for pèreversement, perversamente orientado, isto é, se tiver feito de uma mulher o objeto pequeno *a* que causa seu desejo. Mas o que essa mulher em pequeno *a*-colhe nada tem a ver na questão. Do que ela se ocupa são outros objetos pequenos *a* que são as crianças, junto às quais o pai então intervém, excepcionalmente, no bom caso, para manter na repressão, no justo meio-dito, meio-Deus, a versão que lhe é própria de sua pai-versão” (1975).

Referências Bibliográficas:

FREUD, Sigmund. (1950[1892-1899]) “**Extratos dos documentos dirigidos a Fliess**”. In: Obras Psicológicas Completas. Edição Standart Brasileira. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1969/1976, vol. I.

------(1909[1908]) “**Romances familiares**” In: Obras Psicológicas Completas, opus cit., vol. IX.

------(1913[1912-1913]) “**Totem e Tabu**”. In: Obras Psicológicas Completas, opus cit., vol. XIII.

------(1921) “**Psicologia das massas e análise do eu**”. In: Obras Psicológicas Completas, opus cit., vol. XVIII.

------(1923) “**O eu e o isso**”. In: Obras Psicológicas Completas, opus cit., vol. XIX.

JAKOBSON, Roman. **Huit questions de poétique**. Paris : Ed. Du Seuil, 1977.

LACAN, Jacques. (1938) **A família**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1ª edição – novembro 1978; 2ª edição – dezembro 1981.

------(1956-57) **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

------(1960) “**Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano**”. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

------(1963) **Nomes-do-Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

------(1970) “**Radiofonia**”. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

------(1973) **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

------(1974-75) **O Seminário, livro 22: R.S.I.** Não publicado.

Nota:

¹ O texto que se segue foi apresentado no Seminário Termático do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, em 29 de março de 2007

Família e Estruturação do Sujeito

Para Além do Romance Familiar

Zilda Machado (zildamachado@terra.com.br)

No próximo encontro da EPFCL, nossa comunidade estará reunida para trabalhar um assunto que interessa a todos: a família. Mas, já no título desse encontro está o que marca a especificidade da psicanálise ao juntar o termo Família à palavra Inconsciente.

Com isso esclarece-se que a família, objeto de estudo da psicanálise, não é propriamente a família como instituição social, como fenômeno cultural, embora, como Lacan aponta no texto “Os complexos familiares”, seja mister compreendermos que foi a transformação histórica da família, com a passagem da família patriarcal para a família moderna que possibilitou o surgimento da Psicanálise.

A organização a partir de um “*Pater familias*”, senhor das propriedades, dos bens e das leis que regulavam as relações familiares, mantinha-o a uma distância tal que a figura do pai era intocável e inatingível. A autoridade era encarnada por ele, dono incontestado de um saber que ordenava e garantia as normas culturais e sociais.

Com as mudanças sociais introduzidas pelo casamento e a aliança do casal, surge a “família conjugal”. A partir dessa transformação, o pai passou a estar a uma distância tal que sua autoridade pôde ser questionada e mesmo suplantada pelo filho. Foi no bojo dessa transformação que surgiu a psicanálise, aponta-nos Lacan que diz: “O sublime acaso da genialidade talvez não explique, por si só, que tenha sido em Viena, ... [naquele momento histórico/social e cultural] ... que um filho do patriarcado judaico imaginou o complexo de Édipo”, lembremos a cena de Freud com Jacob, seu pai, quando este tem o chapéu derrubado na rua.

Portanto, aquilo que Lacan chama de “o declínio social da imago paterna²”, abre o campo da psicanálise, ou seja, a complexidade da dimensão edípica no campo do inconsciente. Convém ressaltarmos aqui que Lacan fala de um “declínio social” da função do pai e não propriamente de um declínio dessa função, pois esse só se verifica no particular de cada caso, na escolha da posição subjetiva.

A família que interessa então à psicanálise é o palco onde o drama edípico se realiza, onde o sujeito se constitui e onde estão presentes, não propriamente o pai, a mãe e o filho, mas o sujeito, o grande Outro, o objeto a e o operador fálico que movimenta a estrutura. Ou então, a função da mãe, a função do pai e o sujeito que nessa cena se constitui com o sintoma que revela a verdade de gozo e o furo dessa estrutura.

Temos visto ao longo do tempo as transformações pelas quais tem passado a família.

Já estamos longe das severas críticas do século XIX dirigidas à família conjugal, a quem eram atribuídas as mazelas do mundo. Também as experiências das “utopias comunitárias”, quando se supôs que poder-se-ia prescindir da família em função da criação coletiva das crianças, mostraram-se fracassadas, nos diz Lacan. Ao contrário, na contemporaneidade, a família vem ganhando cada vez mais importância, embora se apresente em múltiplas conformações: monoparentais, homossexuais, e mesmo multiparentais, a partir de filhos de vários casamentos anteriores. Sem falar das famílias formadas a partir dos novos métodos de reprodução assistida.

Ou seja, estamos em uma nova época e a psicanálise é convocada a discutir aquilo que é de sua pertinência: a transmissão inconsciente que se dá no seio da família e a específica como humana. Como e por que, apesar de tantas transformações ainda podemos dizer que o que é da estrutura se mantém? Ou, melhor dizendo: o que especifica a família humana? O que é esse “irredutível de uma transmissão” a que Lacan se refere no texto “Nota sobre a criança” e que ele assegura ser a função da família? E ainda, que efeitos estas transformações têm sobre os sintomas contemporâneos?

Tomando como referência o texto *Televisão* quando Lacan nos diz:

“Mesmo que as lembranças da repressão familiar não fossem verdadeiras, seria preciso inventá-las, e não se deixa de fazê-lo. O mito é isso, a tentativa de dar forma épica ao que se opera pela estrutura. O

impasse sexual secreta as ficções que racionalizam a impossibilidade da qual provém. Não as digo imaginadas, mas leio aí, como Freud, um convite ao real que responde por isso. A ordem familiar só faz traduzir que o Pai não é o genitor e que a Mãe permanece contaminando a mulher para o filhote do homem; o resto é consequência.³

Portanto, para além do romance familiar, para além dos mitos e ficções forjados pela neurose, o real da estrutura é o que temos tentado cernir nesse seminário que é coordenado pelo colega Oscar Cirino e por mim.

Notas:

¹ LACAN. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Outros Escritos, p. 67.

² LACAN. Os complexos familiares na formação do indivíduo. Outros Escritos, p. 66/67.

³ LACAN, J. Televisão. In Outros Escritos, p. 531.

Do Mito à Estrutura Familiar

Daniela Chatelard (dchatelard@terra.com.br)

Lacan fez do mito freudiano uma estrutura. Do mito edipiano à estrutura edipiana; por mais que encontremos novas formas de famílias e de sintomas em nossa contemporaneidade, dois personagens permanecem: paterno e materno ou ainda pai e mãe.

O célebre artigo “Nota sobre a Criança” nos lembra que a família conjugal, em sua evolução, colocou em evidência o irreduzível de uma transmissão, a da ordem de uma constituição subjetiva implicado na relação de um desejo que não fosse anônimo. Da parte da mãe, na medida em que seus próprios cuidados carregam a marca de um interesse particularizado. Da parte do pai, na medida em que seu nome é o vetor de uma encarnação da Lei no desejo. Nesse sentido, na orientação lacaniana, o sintoma da criança se encontra no lugar de responder ao que há de sintomático na estrutura familiar. Na medida em que o sintoma se define neste contexto como representante da verdade, ou seja, da verdade do casal parental. Lacan nos explica neste texto:

“a distância entre a identificação ao ideal do eu e a parte tomada do desejo da mãe, se não há a mediação da função do pai, deixa a criança aberta às tomadas fantasmáticas”.

A criança desta forma se torna objeto da mãe e não mais se encontra na função de revelar

a verdade deste objeto.

Gostaríamos de reforçar a vertente de estrutura tão cara a Jacques Lacan. Este fez do objeto a, o operador lógico de uma estrutura. A criança de início está no lugar de objeto do desejo do casal parental. Este lugar de objeto deixa traços no inconsciente do sujeito. O sujeito por sua vez constrói sua fantasia em torno das marcas e das interpretações inconscientes em torno deste objeto que ele fora no desejo do Outro materno e ou parental. Em o Mais, Ainda, Lacan lembra que “Freud de novo salva o pai”, ou seja, todo pai na função de agente da castração, transmite a castração, mas deixa sempre um resto desta operação simbólica. É de uma maneira originariamente perversa que a questão da fantasia se coloca e, como dirá Lacan, é uma *version vers le père*. Lacan distingue mito e, inclusive, mito do parricídio e estrutura, afirmando que o pai não tem que ser morto, porque ele está morto desde sempre, o Outro é um vazio. O mito do parricídio é necessário, mas como mito efeito de estrutura. O Outro é um vazio, um lugar, uma função que permite funcionar uma estrutura psíquica. Estrutura o sujeito no campo do Outro, é a tese de seus discursos.

Para que serve o mito? Passa-se do mito materno, deste jogo do logro intersubjetivo presente no amor materno à introdução do Pai, este tempo que determina a estrutura: “Um mínimo de funcionamento é necessário ao funcionamento simbólico. Ao sistema de significante ou de linguagem (sincrônia e diacrônia). Não apenas três, mas quatro para realizar o Édipo é necessário a intervenção de um quarto termo, o pai. Rompendo a harmonia do mundo materno. Com o Além do Édipo, faz-se do pai uma excessão em relação à função fálica. O pai ideal é uma fantasia do neurótico, ao reduzir o NdP à um semblante cuja análise produz a queda. Deste mito resta um real cujo operador simbólico, o funcionamento da linguagem fará seu contraponto.

Oito anos mais tarde, em sua leitura no Seminário *O Averso da Psicanálise* Lacan introduz o que ele chama de “O mais além do Édipo”, ou seja, as consequências da travessia edipiana após a operação do recalque com a passagem do pai real ao pai simbólico. O parricídio deixa no sujeito o rastro de um resto de gozo não tratável pelo simbólico. Precisar um trabalho

de elaboração simbólica - *Durcharbeitung* - deste ato do parricídio à função simbólica do Nome, ou dito de outro modo, uma elaboração do *D'us* o pai ao Nome-do-Pai cuja versão deste pai morto *père-severa* em sua estrutura. Ou seja, de como o sujeito irá lidar, tratar este resíduo de gozo em seu próprio sintoma, este sintoma que caiu no *locus* da inexistência e que, com sua roupagem fantasmática e a incorporação da linguagem, conduz o sujeito a bem-dizer este sintoma, a tratar diferentemente este resíduo de gozo fazendo dele seu *sintboma*.

Lacan, na virada do seminário XVII, antes de passar à segunda parte sobre o “Mais Além do Édipo,” retoma a 35ª Nova Conferência de Freud, *Weltanschauung*: o ponto de vista do homem ao conceito de universo. Esta Última Conferência trata da origem de uma visão de cosmos a partir da idealização de *D'us* o Pai, este mesmo que inaugura a passagem do mito à estrutura, criando este lugar de uma inexistência e, ao mesmo tempo, de um nascimento:

“O Universo fora criado por um ser semelhante ao homem, contudo aumentado em todos aspectos, em poder, sabedoria, e força de suas paixões (sobretudo a ignorância) - um super-homem idealizado. Nosso caminho torna-se mais fácil de reconhecer, de vez que esse criado *D'us* é chamado de pai”.

O mito do parricídio funda a estrutura, a passagem do mito à estrutura cria a existência de um espaço vazio e de criação, determinante na posição fantasmática e sintomática deste sujeito existente em sua cadeia, mas cuja inauguração foi “as mestres palavras do pai” em sua função de agente que passará à função significante, ao pai simbólico. O pai é um exemplo não apenas como portador do S1, mas de um traço sintomático.

No seminário XVII, *Aveso da Psicanálise*, em 1969, Lacan faz um comentário sobre o artigo “Uma criança é espancada”, na 4ª parte do capítulo Verdade, irmã do gozo. Ele observa que Uma criança é espancada é uma proposição que se sustenta por um sujeito, um sujeito dividido pelo gozo. Você me bate (é o tempo central, o tempo do pai) não deixa de ser uma metade do sujeito. E Lacan usa esta frase através da qual ele retoma sua teoria da comunicação do sujeito e do Outro: “O sujeito recebe sua mensagem sob uma forma invertida”. Lacan a retoma da seguinte maneira:

“Você me bate é esta metade do sujeito cuja

fórmula faz sua ligação com o gozo. Ele recebe sua própria mensagem sob uma forma invertida — isto quer dizer, seu próprio gozo sob a forma do gozo do Outro”.

É disso que se trata quando a fantasia se encontra juntando a imagem do pai ao que é de início uma outra criança.

É uma das formulações de Lacan do sentido “*jouis-sens*”. Ou seja, semanticamente falando, significa o sentido que o sujeito recebia do Outro — ele recebia sua mensagem sob forma invertida. Lacan observa que a frase “você me bate”, o que ela quer dizer é que eu gozo, eu recebo meu gozo de você que me bate. E é preciso que o pai seja suposto gozar disso, que ele seja o fiador desse gozo e que ele assegure a função, o lugar do gozo. Aqui encontramos uma função paradoxal do pai, que é, ao mesmo tempo, ser o lugar do gozo, ser aquele que bate, mas, ao mesmo tempo, segunda operação, ele garante que existe de fato uma parte de gozo que é reservado ao sujeito, e que o pai, especialmente na fantasia em questão, “bate-se numa criança” em sua versão feminina, vem garantir a distribuição justa de gozo naquele que ele efetua. E que, em suma, ele vem aqui proteger o sujeito de uma relação não tamponada, não marcada de um significante, de um nome, de uma relação que seria mais destrutiva com a pulsão de morte.

O Destino das Famílias

Alba Abreu Lima (albagermana@bol.com.br)

O destino das famílias está proporcionalmente relacionado ao destino traçado por cada sujeito em sua família e na cultura. O espaço onde a família se organiza, como transmite seus genes, seus valores, seus bens, sofre conseqüências significativas de acordo com o momento histórico em que se esteja. O fato é que, para a psicanálise, é o Outro quem dirige o sujeito na sua entrada no mundo de linguagem. O modo como cada um se inscreve na família e na comunidade é que determina os vínculos e estes, serão ampliados no decorrer da vida, embora tenham como base as identificações aos primeiros objetos de escolha amorosa.

O que marca a contemporaneidade são as modificações na função da paternidade e os novos modos de filiação, a partir do avanço da ciência e das modalidades familiares que são nomeadas com a invenção de conceitos que considerem

no campo afetivo, social e jurídico a união estável, a união homoafetiva e a parentalidade. Ou seja, indicativos de uma família plural para falarmos de famílias em lugar de “a família”. Nesse sentido, é que, desde março deste ano, o Instituto Brasileiro do Direito de Família (IBDFAM) trabalha na produção do anteprojeto do “Estatuto das Famílias”, que contempla todas as atualizações jurídicas necessárias para consolidar e garantir os direitos das mais variadas configurações familiares do Brasil.

Freud afirma que é na trama familiar que o sujeito tece sua fantasia, construção singular que serve de muro, obstáculo à demanda familiar e sustenta seu desejo. Para Elisabeth Roudinesco, em *A família em Desordem*:

“A família, no sentido freudiano, põe em cena homens, mulheres e crianças que agem inconscientemente como heróis trágicos e criminosos. Nascidos condenados, eles se desejam, se dilaceram ou se matam, e não descobrem a redenção senão ao preço de sublimar suas pulsões” (2003).

Em psicanálise, chamamos destino ao **mito individual do neurótico** ou **romance familiar**, construído na relação com o desejo do Outro. Isso quer dizer que são as condições com as quais o sujeito se arranja com a castração e as manobras que executa para se libertar da posição de objeto (O que o Outro quer de mim?) que vão nortear sua inserção no mundo social como sujeito de desejo e, conseqüentemente, de direitos.

A família recobre o desamparo psíquico inerente ao mamífero homem para que ele encontre seu lugar no mundo numa operação que vai muito além da satisfação das necessidades.

A família como ficção, produzida pelos escritores criativos, retrata a passagem da criança - objeto capturado no desejo do Outro materno - à posição de sujeito marcado por um destino. No livro autobiográfico “De amor e trevas”, o escritor Amós Oz descreve o papel da família no destino do sujeito:

“A hereditariedade e o meio que nos alimenta, assim como a nossa classe social, são como cartas de baralho que nos são distribuídas aleatoriamente, antes do jogo começar. Até aí não há nenhuma liberdade de escolha - o mundo dá, e você apenas recebe o que lhe foi dado, sem nenhuma outra opção. Entretanto, a grande pergunta é o que cada um de nós consegue fazer com as cartas recebidas.

Pois há os que jogam muito bem com cartas nem tão boas, e há, pelo contrário, aqueles que desperdiçam e perdem tudo, mesmo com cartas excepcionais! E esta é toda a nossa liberdade: liberdade de jogar com as cartas que nos foram dadas. Mas mesmo a liberdade de escolher o nosso jogo depende, por ironia, da sorte de cada um, da paciência, da sabedoria, da intuição, do arrojo. Mas essas também não são cartas que nos foram dadas antes do jogo começar, sem nos perguntarem nada?” (2005:196).

Na lógica da psicanálise, o destino é determinado pela busca do que se perdeu na operação da castração, o que quer dizer que quando se escolhe a alienação significativa, a história geracional, perde-se uma parte do seu próprio ser que é irre recuperável.

Freud construiu, a partir das tragédias de Sófocles e Shakespeare, metáforas clínicas da existência humana e, embora heróicas, é como homem comum que ele as efetiva, diz Lacan no Seminário da Ética. Uma análise favorece a emancipação do sujeito de sua impregnação ao discurso familiar. Essa tentativa de ruptura pode ser observada na obra de nosso escritor Francisco Dantas, em *Coivara da Memória*:

“Tenho pelejado para me libertar da falsa moral e dos hábitos seculares que me foram legados por essa gente, embutindo na minha cabeça de menino a sabedoria de seus provérbios passados de boca em boca, e que nada mais eram senão engenhos tendenciosos, urdidos para resguardar os graúdos da família, para que eles não se desgarrassem nem perdessem os privilégios, e continuassem a procriar, rezar e engabelar os bestas, sempre voltados para a chama de seus cabedais. Tenho tentado em vão me excluir da ascendência dessa cambada empedernida, empenhada em regular as decisões que tomo em pânico - e contra a qual tenho empregado todo o vigor da minha outra banda arrojada e desunida” (1991:73).

Escolhendo o ponto de vista estrutural, Lacan ultrapassa a teoria familiarista freudiana para centrar a importância da estrutura do sujeito não apenas em sua cena edípica, mas, sobretudo na lógica do inconsciente e o modo singular de seu gozo. Com isso, podemos analisar os impasses que nos são trazidos na clínica de nossa época. Por exemplo, a sociedade “líquido-moderna” - na expressão de Bauman - exige a lógica do consumismo como desafio para preservar a individualidade numa total inversão das regras: a oferta do mercado é para que o

sujeito aceite o novo (seja um celular prada, um Citroen Pallas, coca-zero) em detrimento do conhecido, do já ultrapassado. O indivíduo, antes responsável por seus méritos e fracassos, não pode mais exercer sua livre escolha sob o risco de ficar obsoleto e virar lixo se não aderir à síndrome consumista! A individualidade passou a ser um privilégio da era das celebridades, das edições limitadas, que são seguidas à risca pelo consumidor, gerando como resultado a homogeneização e o ciclo da permanente insatisfação, motor do consumismo.

Quando a condição humana se reduz a uns tantos objetos de consumo e a uma busca imaginária da perfeição do corpo, o sintoma pode ser o que de melhor pode aparecer. A clínica é o lugar onde os sintomas revelam a humanização do sujeito – seu dizer não ao consumo e a possibilidade no reatamento do laço com o semelhante.

O psicanalista tem como dever ético estar sempre conectado ao seu tempo e, como Lacan já apontava, elaborar o diagnóstico de acordo com a singularidade dos casos. Se as configurações familiares vêm desafiando a norma familiar freudiana, a resposta que o sujeito dá, em conformidade com seu desejo, não deve deixar de servir ao analista em seu compromisso com

a verdade e interrogar a dimensão ética das demandas dos sujeitos.

Referências Bibliográficas

- ABREU LIMA, A. *Psicologia Jurídica: lugar de palavras ausentes*. Aracaju: Evocati, 2007.
- ARIËS, P. *História social da criança e da família* (D. Flaksman, trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- BAUMAN, Zygmund. *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2007.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- DANTAS, Francisco J. C.. *Coivara da Memória*. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.
- FREUD, Sigmund - *Obras Completas*. RJ: Imago, 1977.
- LACAN, Jacques - *Seminário 7: A ética da psicanálise*. RJ: Zahar, 1988.
- _____. *Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. RJ: Zahar, 1979.
- _____. *Os complexos familiares*. (M. A. Coutinho Jorge & P. M. da Silveira Júnior, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Clínica: filiación y pase*. Revista de Psicoanálisis do Fórum de Barcelona, EPFCL – Espanha, VEL, nº 8, 2006.
- La Parenté: filiación, nomination*. Revue de Psychanalyse de Champ Lacanien, EPFCL - França, nº 3, Février, 2006.
- ÓZ, Amós. *De amor e Trevas*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. (R. Aguiar, trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

Formação do Analista

Uma questão: O que deve ser repassado?

Márcia Polido (marpolido@uol.com.br)

Talvez o grande problema do passe, ou melhor, da função do passador é aquilo que tem como expectativa do que ouvirá do passante. Digo isso porque o imaginário vai longe quando estamos prestes a ouvir um relato da experiência analítica de alguém, pois me refiro ao fato que, desde cedo, aprendemos que uma história tem começo, meio e fim. Então, é extramente fácil cair nesse engodo. O relato quebra de forma irredutível essa expectativa porque escapa à linearidade temporal e a finalização de uma história. O que se espera ouvir do passante? Um relato de seu processo analítico que não se reduza a um simples dizer sobre o que aconteceu na vida do sujeito, mas que possa falar como chegou à análise, sua queixa, que é o que deve iniciar qualquer processo analítico, e de como

essa queixa foi se transformando em um sintoma à medida que foram se estabelecendo os laços transferenciais, e das mudanças que ocorreram no seu modo de ser. É um dizer que inclui:

- as repetições e sofrimentos que marcaram sua vida, portanto, o seu gozo;
- as identificações que foram sendo desfeitas e os encontros com a angústia de ter que se virar sem os frágeis alicerces imaginários que lhe sustentavam num modo de ser e agir;
- os rearranjos das relações com as outras pessoas e com o mundo, com seus próprios afazeres; e
- por fim, do desejo em relação à psicanálise e o de tornar-se analista.

Falar sobre o processo analítico e seus avatares é falar sobre o despedaçamento do sujeito e sua reconstrução a partir dos cacos das pequenas verdades de sua história. É empreender uma varredura do que se cristalizou ao longo dos anos em torno das identificações que deram ao sujeito um lugar, um nome, uma maneira de ser e agir. Para tanto, é necessário uma seiva audaz, pois não há garantia alguma de que o resultado seja uma composição harmônica ou que se encontre apaziguamento para as questões cruciais da existência, ou melhor, reconstruir-se num processo analítico é ver-se como apenas um remendo, com suas fissuras irremediavelmente visíveis e, mais do que isso, é saber que só assim se vive melhor e sem enganos. Nessa seara, tornar-se analista não deve ser a linha que faz a ligadura perfeita do remendo, eliminando os vestígios da divisão estruturante do sujeito. Antes, deve ser algo que traga para o campo da psicanálise a própria experiência, sempre singular, num discurso onde se possam reconhecer alguma contribuição ao que acontece na intimidade dessa experiência. Assim, pensamos que, mais do que um relato, o que acontece no passe é de certa forma uma organização de todo processo numa escritura que permite ao sujeito falar como o autor de um texto único, para ser capturado pela escuta de um outro, perdendo, então, sua privacidade para tornar-se uma experiência compartilhada, ainda que por poucos, que traga algo que se circunscreva em torno do que vem a ser isso que chamamos de psicanálise. Cumprir a função de passador, coloca ainda duas questões: o quê e como deve ser repassada a experiência analítica do passante. A questão “O que deve ser repassado?” é de antemão determinada, já que cada passador põe-se à escuta em conformidade com o próprio percurso analítico.

De qualquer modo, a escuta é uma questão delicada, pois o passador não tem a função de analista, ou seja, não está em cena para interpretar ainda que isso se mostre muito tentador. Operar essa divisão, não é tarefa fácil. Exige mesmo um esforço concentrado para que sua intervenção tenha apenas a capacidade de fazer com que o passante possa aclarar aspectos ou fazer correlações entre pontos de seu relato. O relato, também, não segue a normativa de princípio, meio e fim. Penso que não há como falar da experiência analítica a partir dessa normativa mesmo que se tenha um roteiro mais ou menos

definido, tomando-se como exemplo, o estudo de um caso clínico, como nos legou Freud. Sempre há esquecimentos, sempre há trechos anteriores que se ligam a posteriores, contornos e retornos. Na verdade, o que se escuta é um texto cheio de brechas e não penso que possa ser diferente disso. Relatar uma experiência como a analítica, é saber que muitos momentos foram para sempre esquecidos, embora possam ter produzido efeitos intensos por estarem imersos na transferência. Quando passamos à questão de como repassar aquilo que foi ouvido, a grande tentação é organizar o material num texto razoavelmente compreensível. Eis aqui algo muito perigoso porque escapa ao campo analítico para se fazer no campo do entendimento. Trocando em miúdos, é montar uma história com princípio, meio e fim, eliminando as lacunas do relato e também da escuta, numa lógica de causa e efeito num exercício da hermenêutica sem fim. Eis, por fim, aí a grande questão do dispositivo do passe: O que dizer ao cartel do passe? Respondemos de modo bem simples: não um simples relato da história de vida do passante, mas os instantes que são concernentes à experiência analítica propriamente dita, ou seja, o que acontece no período em que o sujeito está no divã. Algo desse período como uma cena, um fragmento, uma frase, que tiveram efeito sobre o sujeito.

Conclusão

A experiência de ser passador, de certo modo, desmistifica o dispositivo do passe. Na verdade, o testemunho é algo muito semelhante ao que se declara perante um tribunal qualquer. É claro que não juramos dizer a verdade, nada mais que a verdade, mas sem dúvida, procuramos ser o mais fiel possível ao que nos foi relatado. A experiência do passe é o lugar da transmissão da psicanálise já que, segundo Lacan, teria como centro responder à questão O que é um analista que, no desdobramento da experiência particular, seria responder pelo desejo do analista. Nesse sentido, talvez, o passe tenha valor apenas como experiência de acréscimo de mais um detalhe na resposta em busca do que como lugar de reconhecimento ou de nomeação. O passante faz seu relato, mediado pela presença do passador. Ambos os sujeitos marcados pelo desejo, ou seja, presos cada qual à sua realidade psíquica. Então, o relato do passador terá esse filtro singular e quando, perante o cartel do Passe, o relato passará por

mais outros filtros. Pergunto-me o que é possível aí determinar (e com muita cautela) a não ser algo que diga respeito somente ao processo do passante?

No campo lacaniano, dizemos que o dispositivo do passe pode verificar o desejo do analista na experiência e, até mesmo, determinar a passagem de analisante à analista e, o mais

importante, conferir a efetuação de uma passagem dos ditos do interior da experiência analítica para um saber dizer da experiência. Essa mesma experiência nos diz que o dispositivo deve ser mantido sob vigília e interrogação quanto à sua abrangência a fim de que possa cumprir sua função no campo da psicanálise.

Ponto de Vista

A Psicanálise tem evidência?

Jairo Gerbase (gerbase@campopsicanalitico.com.br)

É no cerne deste problema crucial que gostaria de apresentar a questão da evidência da psicanálise. A psicanálise, por sua vez, tem evidência?

Creio que, de imediato, não se pode responder afirmativamente a essa pergunta. No estágio atual em que se encontram a teoria e a prática psicanalíticas, não se pode dizer que a psicanálise tem evidência. É possível apostar no futuro da psicanálise, mas isso irá depender do avanço nos planos teórico e prático.

O primeiro obstáculo relativo à evidência da psicanálise é que ela está embaraçada no mesmo modelo de cientificidade da psiquiatria biológica. Ela também quer encontrar uma causa eficiente para o problema da angústia e da alucinação. Por isso ela realiza uma operação de redução. Assim como a psiquiatria reduz o sintoma mental a uma questão de neurotransmissão cerebral, a psicanálise o reduz a uma questão de parentesco.

Essa teoria da causalidade psicanalítica se desenvolveu e se sofisticou de tal maneira que, em relação à angústia, pode-se dizer, por exemplo, que a fobia pode ser concebida de duas maneiras opostas: a fobia é ao mesmo tempo temor e ajuda ao pai. Dado que a criança está supostamente submetida ao risco de uma relação incestuosa, é preciso um agente de interdição, de castração, tal como o pai, e a fobia pode substituí-lo a cada vez que ele fracassa em sua função. A fobia, então, pode ser apresentada como medo do pai e como auxílio ao pai.

Para esta concepção da psicanálise, a causalidade da angústia não é a serotonina, mas a paternidade. Eu debito a pouca evidência da

psicanálise a esse tipo de redução.

Tudo isso começou com um sonho de Freud. Ele supôs ter encontrado o complexo nuclear da neurose, o complexo de Édipo. Há nessa mitologia um ensinamento muito interessante, destacado por vários autores, que é o fato de que tudo que Édipo fez, de todos os seus atos, *ele nada sabia*. Édipo começa na verdade com um infanticídio. O oráculo vaticina: um pai será assassinado e a partir daí se ordena o infanticídio. Seguem-se o parricídio e o incesto.

Creio que a ciência tem todo o direito de duvidar de uma teoria científica que pretende reduzir a explicação dos sintomas mentais ao complexo de Édipo. Estou supondo que todos sabem que a geração de Freud e a dos pós-freudianos até os nossos dias consideraram como fundamento da psicanálise, como explicação causal do sintoma analítico, o complexo de Édipo.

Sustentada nesse fundamento, a psicanálise não tem evidência. Sustentada no complexo de Édipo, a psicanálise não tem dever. Daí porque exijo de mim trazer outros argumentos nessa direção.

Da mitologia de Édipo, creio que o dado mais importante, de que *ele nada sabia*, e a que Freud chamou de inconsciente, é o que se salva. O inconsciente é a suposição de que se pode fazer seja o que for sem o saber. Não se pode justificar nem explicar o problema da angústia e da alucinação ou qualquer outro discurso mental com base nesse fundamento, a não ser apoiando-se no detalhe de que o que está em jogo no Édipo é o fato de que o *sujeito nada sabia*.

Antônio Quinet (quinet@openlink.com.br)

Por Tereza Cristina Rollemberg com Antônio Quinet (Diretor da EPFCL-Brasil)

P.F. - Antônio Quinet, para um encontro de psicanálise de porte nacional e com uma convidada internacional como Carmen Galhano, como o Sr. verifica a escolha e a importância do tema “Família e Inconsciente” para a sociedade contemporânea?

A.Q. - Como consequência da perda da autoridade do pai, já detectada por Lacan nos anos 60, as famílias vêm se estruturando de forma diversa às da época de Freud. Isto não quer dizer que a estruturação edípica que funda o inconsciente seja abalada ou colocada em causa como o fazem alguns analistas. Ao retornar esse binômio inconsciente e família, pretendemos retificar e reatualizar o significado da descoberta de Freud do inconsciente a partir das formulações de Lacan acerca do Nome-do-Pai, do desejo da mãe, da criança como objeto *a* e da economia de gozo.

P.F. - Diante do mal-estar na civilização, como já dizia Freud, é possível que a família possa estar sofrendo um desgaste de sua autoridade ou apenas mudando em seu aspecto tradicional da idealização ao pai?

A.Q. - Com a dessacralização do casamento e o consequente aumento de separações e novos casamentos e novas formações familiares, o conceito de família vem mudando. Acrescenta-se a isso o casamento de pessoas do mesmo sexo e suas possibilidades de adotarem filhos e a tradicional família sem pai em comunidades carentes. Tudo isso faz com que seja importante distinguirmos os genitores e as funções paternas e maternas. O Édipo lacaniano é o que pode fornecer os subsídios para tal debate na sociedade. A começar pela diferenciação entre o papel do pai e o conceito do Nome-do-Pai.

P.F. - Por que será que, apesar de tantas separações e divórcios que ocorrem na sociedade, tantas pessoas ainda procuram regulamentar as suas uniões? Isso seria um paradoxo da modernidade?

A.Q. - Não devemos desvalorizar a função simbólica do ritual do casamento, onde a investidura significativa pode produzir

modificações subjetivas para além do pacto de palavra assinado publicamente por dois sujeitos. Nesse pacto de palavra, a função do reconhecimento (“tu és minha mulher”; “tu és meu homem”) faz com que o sujeito receba sua própria mensagem de forma invertida. Dentro da desorientação e falta de ideais para os sujeitos (os significantes mestres no lugar do ideal do eu) não será isso que pode estar em jogo na busca, hoje, do casamento civil ou até mesmo religioso?

P.F. - Pensando na descoberta freudiana do inconsciente, somado com os demais conceitos fundamentais que Lacan aborda no seu seminário 11, que são a repetição, a pulsão e a transferência, de que modo a psicanálise pode operar frente aos sintomas clínicos decorrentes de uma estrutura familiar rachada, como temos visto exemplos na mídia, de jovens adultos de “boa família” cometendo atrocidades?

A.Q. - Em primeiro lugar, gostaria de deixar bem claro que nossa análise do mal-estar na civilização não pode ser rebaixada a interpretação de um suposto inconsciente coletivo. Sou contra generalizações que são feitas a partir de fatos isolados. A psicanálise é feita caso por caso, um a um, ela está na particularidade e nos detalhes e o inconsciente é individual. O psicanalista não deve ser um generalista que faz análises de casos contados pela mídia.

P.F. - Fala-se muito no jargão popular de que a psicanálise já era, que quem vive de passado é museu! Apesar desse discurso leigo, quais os benefícios que a psicanálise pode oferecer à saúde mental?

A.Q. - A psicanálise e a única que tem uma teoria e uma clínica a serem propostas para a reforma psiquiátrica e todas as estruturas de tratamento da Saúde Mental no Brasil. É o que pode ser feito a partir de uma clínica do laço social. Os ambulatórios, os CAPs, etc, têm uma demanda cada vez maior de psicanálise, apesar de qualquer discurso sobre um suposto anacronismo ou obsolescência da psicanálise.

VIII ENCONTRO NACIONAL ESCOLA DE PSICANÁLISE
DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO – Brasil
FAMÍLIA E INCONSCIENTE
ARACAJU, 15 a 17 DE NOVEMBRO DE 2007
Local: DEL MAR HOTEL

Convidada Internacional: Carmen Gallano Psiquiatra,
Psicanalista, AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano,
Docente do Colégio de Psicanálise de Madrid,
Mestre em Psicanálise das Universidades de Barcelona e San Sebastián

Informações: 3246-1905 / 3246-0303

ENCONTRO INTERNACIONAL IF-EPFCL 2008
TEMA: OS TEMPOS DO SUJEITO DO INCONSCIENTE
LOCAL: SÃO PAULO – BRASIL
DATA: 5 E 6 DE JULHO DE 2008
www.campolacaniano.com.br

“A psicanálise só dará fundamentos científicos à sua teoria, e à sua técnica, ao formalizar adequadamente as dimensões essenciais de sua experiência que são juntamente com a teoria histórica do símbolo: a lógica intersubjetiva e a temporalidade do sujeito”¹.
Jacques Lacan

Com Lacan, orientamos a psicanálise que sustentamos na atualidade, segundo uma lógica temporal coerente com a temporalidade do sujeito do inconsciente.

O V Encontro Internacional da IF-EPFCL propõe um tema de trabalho desdobrado em três eixos inter-dependentes. Com efeito, o tempo na psicanálise decorre dos tempos do sujeito do inconsciente e, de seu manejo depende a efetividade da psicanálise no seu tempo.

Os tempos do sujeito do inconsciente:

Há o tempo que passa

O tempo passa, é claro, irreversível, segundo a sucessão do antes ao depois, da vida à morte.

Para o sujeito do inconsciente, todavia, desde sua constituição pelo significante, o presente se passa na antecipação de um futuro marcado por aquilo que do passado não é mais: um “pode ser” delinea-se a partir de um “poderia ter sido”. Wo es war soll Ich werden. Este tempo é escandido por momentos cruciais de báscula, marcando o corpo na hora da castração.

E há um tempo que não passa: a a-temporalidade, que justifica a indestrutibilidade do desejo, como dizia Freud. Neste tempo, pode ocorrer uma outra lógica que não aquela do Cronos: a do momento oportuno, o Kairos.

A fita de Moebius que ostenta nosso

cartaz – em dois tempos, três movimentos - mostra esta dupla temporalidade do sujeito do inconsciente. Com efeito:

“Em qualquer ponto em que se esteja dessa suposta viagem, a estrutura, isto é, a relação com um certo saber, a estrutura não larga disso. E este desejo é estritamente, durante a vida inteira, sempre o mesmo... esse famoso desejo indestrutível que passeia sobre a linha da viagem”².

O tempo na psicanálise

A escansão das sessões, sua frequência, a duração das análises se referem não à técnica, mas à ética que comanda a operação da transferência: “relação essencialmente ligada ao tempo e ao seu manejo”³. Em busca do tempo perdido, a análise pode proporcionar “fazer-se ao ser” sendo que por isso “precisa tempo” (“à l’étant, faut le temps de se faire à l’être”)⁴, isto é, o tempo de achar por ali seu sintoma (sinthome), “pois é somente depois de um longo desvio que pode advir para o sujeito o saber de sua rejeição original”⁵.

A psicanálise no seu tempo

Esses longos desvios não estão em alta na cotação do mercado de nosso tempo que se compraz em denegrir a psicanálise (Time is money). Todavia, esta resiste - ainda, sempre - ao avesso do plano capitalista. Isso não é uma razão para que os psicanalistas, mesmo tomando-a na contracorrente, não se envolvam com essa atualidade e seus excessos para, a partir do campo lacaniano, fazer subir na cotação o humano e sua letra.

Dominique Fingermann

Presidente do V Encontro da IF-EPFCL 2008.

¹ Lacan - Função e Campo da linguagem e da fala p.290 Zahar.

² Lacan - Les non dupes errant - p.20 Edition de l'ALI

³ Lacan - Position de l'inconscient - Ecrits p.844

⁴ Lacan - Radiofonia p.425 Outros escritos - Zahar

⁵ Lacan - Séminário 9 “A identificação” edição do CEF p.194

Projeto Freudiano

Psicanálise, Ensino e Pesquisa

Sumário

Editorial

A Família no Mundo Contemporâneo

- **O Sujeito, a Família e o Capitalismo** pág 01
Carmen Gallano (AME da EPFCL - Espanha)

- **Os Efeitos do Discurso Capitalista e os Nomes do Pai: Reprodução Assistida** pág 02
Ângela Mucida (Membro da EPFCL - Brasil)

Vena Familiar e Desenvolvimento

- **A Família Pamuk** pág 04
Andréa Brunetto (AME da EPFCL - Brasil)

- **A Família na Psicanálise** pág 06
Vera Pollo (AME da EPFCL - Brasil)

Família e Estruturação do Sujeito

- **Para Além do Romance Familiar** pág 09
Zilda Machado (Membro da EPFCL - Brasil)

- **Do Mito à Estrutura Familiar** pág 10
Daniela Scheinkman Chatelard (Membro da EPFCL - Brasil)

- **O Destino das Famílias** pág 11
Alba Abreu (AME da EPFCL - Brasil)

Formação da Psicanalista

- **Uma Questão: o que deve ser repassado?** pág 13
Márcia Polido (Membro da EPFCL - Brasil)

Ponto de Vista

- **A Psicanálise tem Evidência?** pág 15
Jairo Gerbase (AME da EPFCL - Brasil)

Entrevista

- Antônio Quinet (AME da EPFCL - Brasil)* pág 16

Conselho Editorial

Alba Abreu Lima (Responsável)
albabreulima@hotmail.com
Edmê Coelho
nossaesc@uol.com.br
Eliana de Jesus Menezes
elianamenezes@bol.com.br

Márcia Polido
marpolido@uol.com.br
Rochelle Bezerra Barbosa
rochellebarbosa@yahoo.com.br
Roseli Rodella de Oliveira
rrodella@gmail.com

Fotolito e Impressão
Info Graphics Gráfica e Editora LTDA

Tiragem
2000 exemplares

Projeto Gráfico
Pedro Marcelo